

Um bloco de gelo entre imagens e pensamento*Juliana Bom-tempo*

Uma cena comum no cotidiano de uma cidade qualquer. Uma pista de caminhada em um parque em uma cidade de médio porte. Um lugar repleto de pessoas em um dia de semana, no horário entre 17:30 e 19:30 de uma tarde de verão. Pessoas, crianças, jovens, adultos, homens, mulheres, acompanhados e sozinhos caminham como de costume. Uma pista de 5 quilômetro de comprimento, asfaltada, serpenteia uma mata e um imenso lago. Tudo parece transcorrer configurando imagens corriqueiras, paisagens ordinárias, onde se fixam figurações de um respiro verde em meio ao tumulto da cidade. Um encontro inesperado acontece em uma das curvas. Os caminhantes se deparam com um homem e uma mulher, vestidos de branco. Eles interceptam a pista sentados em dois bancos com um bloco de gelo de 1,20 metros de comprimento, 50 centímetros de largura, 40 centímetros de altura, em seus colos. O bloco de gelo faz uma ponte ligando seus ventres. O homem e a mulher, com gelo sob as pernas, se olham, não dizem nada, o gelo goteja, os passantes emitem falas : « O que é isto? » ; « É gelo mamãe, é gelo! » ; « Isso é magia. » ; « Eles estão casando? » ; « Deve estar frio » ; « Tira uma foto minha com eles » ; « Pra quê estão fazendo isto? » ; « Lindo! » ; « Adorei! ». Os dois, com o gelo no colo, começam a sentir a água fria derretendo, a passar a mão no gelo, a usar a água que escorre para tocar seus rostos¹.

Imagens se configuram, interceptam aquela paisagem cotidiana, colocam problemas ao ordinário daquela pista e dos caminhantes. Elas convocam o pensamento a buscar sentidos, a experimentar, junto àqueles

¹ Essa intervenção trata-se de uma performance intitulada *Je t'embrasse* – título em francês que tem a tradução *Eu te beijo* – realizada no Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia/MG, em 2015, por Caio Lion/Gusmão Ferrer e Juliana Bom-Tempo que compõem o coletivo de performance *Duplo Pellis*. As fotografias foram feitas por Thiago Crepaldi.

signos, novas relações. Outras imagens figuradas são criadas por uma experimentação no pensamento. Há uma produção de sentidos nesse processo, ensaios para tentar desenhar alguma imagem.

Imagens, enquanto campo de forças, entram em performances, arrastam o ordinário a uma experimentação extraordinária, produzindo imagens inusitadas do que se poderia encontrar nesta pista de caminhadas. As relações entram em movimento, ganham tensão e violentam o modo de pensar cotidiano dos passantes, das paisagens e das práticas ali empreendidas. Uma relação afastada e, ao mesmo tempo, ligada por um bloco de gelo a derreter.

Atualmente vivemos nossos cotidianos impregnados por imagens. Essas imagens escorrem nas ruas, nos pontos de ônibus, nos lazeres, nos trabalhos, nos estudos. Cada vez mais os ecrãs que recortam e compõem imagens nos acompanham no dia-a-dia, como um tipo de órgão anexo sem o qual temos dificuldades de permanecer por muito tempo desconectados.

Como as imagens ordinárias de uma pista de caminhada em meio ao urbano podem ser violentadas, colocando em movimento o pensamento?

Há nas imagens as quais nos relacionamos, um tipo de produção, um tipo de subjetivação a qual a análise se torna a cada dia mais urgente. Além da presença destas cada vez mais comum no ordinário de todos nós, existe nessas imagens a mobilização de aprendizagens e de processos que levam o pensamento a um tipo de experimentação a partir dos encontros com signos que produzem uma construção do e no pensar.

Outra questão se apresenta: como se processa o pensar e qual sua relação com as imagens? Gilles Deleuze (1968) nos convida a questão de como o pensamento acontece. A filosofia, muitas vezes, considerou o pensar como uma capacidade ou uma categoria tomada como natural do homem, não se atendo a se indagar «como se dá um pensamento?». Deleuze, propõe uma crítica a ideia de que o pensamento seria algo natural, dizendo que há, nesse modo de tratar o pensamento, a construção de um dogma, de um «pensamento dogmático». Essa imagem

fixa direcionaria o pensamento, impedindo-o de buscar novas configurações, bloqueando o pensamento a empreender uma experimentação imagética.

Principalmente nos livros Proust et les signes (1981) e nos livros sobre cinema – Image-Mouvement: cinéma 1 (1983) e Image-Temps: cinéma 2 (1985) – Deleuze repensa a ideia de imagem e a coloca como um tipo de relação de forças e não simplesmente uma representação do real em algum suporte. Uma imagem produz individuações, podendo criar algo e não somente fixar o pensamento. Esse pensamento fixado em imagens dogmáticas, seria um processo de «reconhecimento» e isso, para o autor, não é propriamente pensar, mas é se relacionar com o mundo através da inteligência, não forçaria o pensamento a uma experimentação imagética. O ato de pensar está ligado a um processo de criação, fazendo alianças a um tipo de experimentação com signos que força o pensamento a produzir novas relações, outras conexões, a criar novas imagens.

O encontro com signos, com imagens inusitadas, fora dos padrões consolidados no nosso cotidiano que direcionam nosso modo de ver, que tende a fixar imagens no pensamento, é o que vai nos coagir a pensar. O importante é esse abalo no pensamento, é o que não se sabe a priori, o que não está dado de antemão.

Talvez, o mais interessante dessa intervenção em uma pista de caminhada seja as forças invisíveis que ela convoca para mobilizar o pensamento a entrar numa prática de experimentação, criando novas imagens e colocando as imagens ordinárias em planos mais criativos em tempos tão frios e, muitas vezes, desprovidos de poesia.

Referências:

DELEUZE, Gilles. Proust et les signes. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

_____. Différence et Répétition. Paris : Épiméthée 1968.

_____. L'Image-Mouvement. *Cinéma 1*. Paris: Les Éditions de Minit, 1983.

_____. L'Image-Temps. *Cinéma 2*. Paris: Les Éditions de Minit, 1985.

Sobre a autora: Juliana Soares Bom-Tempo é doutora em Educação (FE-Unicamp) e vinculada ao grupo de pesquisa Humor Aquoso (OLHO - FE - Unicamp). Graduada e mestre em Psicologia (UFU). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG - Ituiutaba/MG). Atua e pesquisa com performances, imagens e educação.